

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES – UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS – SCCS
(COMPL PRÁTICA DE ENSINO I)

Do campo para cidade: Um *pinote* para a violência simbólica

Railton Tomaz Fernandes

Introdução:

As ideias contidas nesta etnografia são resultados de um trabalho de pesquisa no curso da disciplina de Complemento de Prática I. As observações foram realizadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José Borges. O que motivou a escolha desta escola não foi somente por razões territoriais, já que moro na mesma cidade, mas também porque fui aluno e trabalhei na rede de ensino daquele município. Isso me deu uma acessibilidade pouco maior, tendo em vista que eu já conhecia grande parte dos funcionários e alunos daquela instituição. Mas também por este motivo agarrei-me a algumas precauções com base nas premissas das ciências sociais com relação à pesquisa de campo. Uma delas e na minha percepção, a mais importante é a necessidade de uma distância mínima que garanta ao investigador o máximo possível as condições de objetividade em seu trabalho. E tendo consciência da minha familiaridade com esse campo de pesquisa, enfrentei apoiando-me em (VELHO, 1978) o desafio que cerca todo etnólogo, o estranhamento daquilo que cerca sua própria realidade, transformando assim o familiar em exótico.

Porém é de grande importância salientar que, o interesse maior dessa pesquisa foi revelado em campo durante as observações. A princípio o seu objetivo resumia puramente a uma atividade disciplinar. Contudo, com o decorrer do processo de observação das formas de interação social dentro daquele espaço e a análise dos dados fornecidos pela escola, surgiu à necessidade de compreender as relações de violência simbólica exercida pela escola, contra os alunos que provém do *Sítio* e os que moram na *rua*. E desta forma poder compreender a relação entre uma possível violência simbólica exercida pela escola e o baixo número de alunos que fazem a prova do ENEM principalmente alunos da zona rural. Para isto, me apropriarei da teoria de Pierre Bourdieu para compreender este contexto social.

Neste sentido foi realizada uma pesquisa qualitativa com observação participante, embasada na teoria de reprodução social de Pierre Bourdieu. Utilizando do método etnográfico que é por excelência o método utilizado pela antropologia na coleta de dados, desta forma em um contato intersubjetivo realizei sem grandes problemas o trabalho de campo. Neste caso, eu observei que o trabalho etnográfico, acontece por meio do contato

intenso e prolongado do pesquisador com o grupo a ser estudado para descobrir assim, como determinados grupos se organizam e como se organizam seus sistemas de significados culturais. Desta forma, com um problema de pesquisa em mãos, uma teoria, eu enquanto me inseri na situação social da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José Borges para explorar, coletar e analisar dados.

A pesquisa foi realizada em vários estágios. Partiu-se primeiro da coleta de dados, na qual tive algumas dificuldades pelo fato de que fui candidato a prefeito da cidade e expus dados relevantes durante minhas falas naquela ocasião. No entanto, como já foi dito anteriormente, a proximidade com grande parte dos funcionários e alunos daquela instituição, me ajudaram a realizar uma pesquisa sem muitos problemas. Em seguida pedi autorização da direção escolar que me apresentou sem hesitar, ao professor de sociologia com quem eu conversei e expliquei o motivo da minha presença naquele recinto e foi demasiado compreensivo autorizando que eu assistisse a sua aula. Desta forma realizei a observação de como ocorriam às aulas, assim como também observei como ocorriam os intervalos. Por fim, após vários dias de observação, comecei a entrevistar alguns alunos tanto da zona rural como da zona urbana presencialmente e também por uma por uma rede social, a fim de analisar e comparar as maneiras como eles vê o outro e se veem no ambiente escolar.

Fundamentação teórica

Para compreender a realidade sociocultural dos alunos foi preciso se voltar para a questão do habitus que ajuda a entender a relação entre os condicionamentos sociais e sua apropriação pelos indivíduos. De certo modo, esta análise ajuda também a pensar as características de uma identidade social, tornando mais explícita as relações entre o consciente e o inconsciente. A noção de habitus traz consigo uma ligação com o passado e com a história, por isso se torna tão importante para compreender a construção das identidades atuais.

Para analisar estas identidades por essa perspectiva foi utilizado como linha teórica os pensamentos de Bourdieu (1998, 2003, 2007) e GOFFMAN (1998) que auxilia na compreensão dos mecanismos de aprendizagem utilizados pela escola, que por sua vez, transforma as diferenças iniciais transmitidas pela herança familiar em desigualdades dentro do espaço escolar.

Como queremos compreender esse processo que faz parte da nossa sociedade é preciso também entender os mecanismos de poder que move cada indivíduo e que acaba, de modo geral, fortalecendo certas identidades em detrimento de outras. Na concepção de Bourdieu essa organização cultural está ligada a construção do habitus individual que é formado por instituições interdependentes e produtoras desses valores culturais, por exemplo; a família, a escola e os meios de comunicação. Bourdieu (2003) aponta para a existência de um poder invisível que faz parte das relações sociais:

No entanto, num estado do campo em que se vê o poder por toda a parte, como em outros tempos não se queria reconhecê-lo nas situações em que ele entrava pelos olhos dentro, não é inútil lembrar que – sem nunca fazer dele, numa outra maneira de o dissolver, uma espécie de “círculo cujo centro está em toda a parte e em parte alguma” – é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. (BOURDIEU, 2003, p. 08)

Para Bourdieu(2003), esta forma de poder está presente nas representações culturais, pois os sistemas simbólicos são instrumentos de conhecimento e comunicação que exercem um poder estruturante porque são estruturados, ou seja, condicionados. Eles dão sentido ao mundo social e por isso se torna um poder de construção da realidade. No entanto, essas produções simbólicas estão relacionadas diretamente com os interesses de uma classe dominante e se tornam representações de toda a sociedade. Desta a cultura

que unem os indivíduos no jogo das relações sociais é segundo Bourdieu(2003) o mesmo que os separa.

A cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante . Bourdieu (2003, p.11)

Na perspectiva de Bourdieu(2003), é desta maneira que as relações de comunicação estão diretamente ligadas às relações de poder. Desta forma, a escola também acaba se tornando um potente mecanismo social de legitimação desse poder, de modo que, ao impor uma única maneira de interpretar a realidade ela está inconscientemente contribuindo para reforçar essa dominação. Seguindo a linha de pensamento vemos que a Imposição e resistência são as principais características dessa luta. E os que não se adequam ao “Padrão” são excluídos.

É importante, portanto compreender também a noção de habitus, que por sua vez, irá buscar um meio termo entre a interferência do social nas realidades individuais. Para Bourdieu (2003) toda a ação põe em presença a história no seu estado objetivado, isto é, a história acumulada em diferentes períodos e a história no seu estado incorporado, que se tornou habitus. De modo grosseiro o habitus é um sistema de esquemas simbólicos e individuais que se estrutura na sociedade e passa a ordenar a subjetividade dos indivíduos na sua vida cotidiana. Segundo este autor o habitus:

É a sua posição presente e passada na estrutura social que os indivíduos, entendidos como pessoas físicas, transportam com eles, em todo tempo e lugar, sob forma de habitus. Os indivíduos "vestem" os habitus como hábitos, assim como o hábito faz o monge, isto é, faz a pessoa social, com todas as disposições que são, ao mesmo tempo, marcas da posição social e, portanto, da distância social entre as posições objetivas, entre as pessoas sociais conjuntamente aproximadas e a reafirmação dessa distância e das condutas exigidas para "guardar suas distâncias" ou para manipulá-las estrategicamente, simbólica ou realmente reduzi-las, aumentá-las ou simplesmente mantê-las (1983, p. 75)

O conceito de habitus está por sua vez, diretamente ligado ao de campo. Que na perspectiva do autor é o espaço simbólico onde se relacionam os grupos sociais distintos, regidos pelas relações de poder. As ações, comportamentos e as escolhas são produtos das relações que se estabelecem entre o habitus individual e a conjuntura na qual o sujeito está submetido. Esse campo é movido por interesses específicos que entram em choque com interesses contrários de classes sociais diferentes. A relação entre o habitus de uma classe e o campo a que estão submetidas podem ser intencionalmente diferentes.

A razão e a razão de ser de uma instituição (ou de uma medida administrativa) e dos seus efeitos sociais, não está na <> de um indivíduo ou de um grupo mas sim no campo de forças antagônicas ou complementares no qual, em função dos interesses associados às diferentes posições e dos habitus dos seus ocupantes, se geram as <> e no qual se define e se redefine continuamente, na luta – e através da luta – a realidade das instituições e dos seus efeitos sociais, previstos e imprevistos. (BOURDIEU, 2003, p. 81)

Segundo este autor, essas lutas são lutas simbólicas, pois manifestam a representação do mundo social e as desigualdades (hierarquia) que regem os diferentes campos. A sociedade é estruturada por diferentes espaços, e que por sua vez, são condicionados por determinadas regras.

Minha entrada no campo de pesquisa e as relações do corpo da escola com o sistema escolar local.

Na minha primeira visita para dar início aos trabalhos, cheguei às 08h50min no portão principal da escola, que fica situada num bairro da periferia de São Sebastião de Lagoa de Roça. As aulas ainda não haviam começado, pois era início de ano e as escolas ainda estavam de recesso. Mesmo assim fui até a escola para fazer a coleta de alguns dados. Chegando lá percebi certo receio por parte dos funcionários e por parte da diretoria que

por sua vez está sofrendo modificações. O antigo diretor irá assumir uma secretaria na prefeitura municipal e o novo diretor é um funcionário efetivo da própria instituição. Pediram-me para voltar em outro horário para que o antigo diretor tomasse conhecimento da pesquisa alegando que ele poderia me informar melhor sobre a situação do colégio. Fizem várias perguntas sobre a pesquisa, a respeito de sua finalidade. Expliquei, portanto, que se tratava de um trabalho acadêmico proposto pela professora da disciplina e que tinha a finalidade de nos aproximar do ambiente escolar a fim de entender e buscar novas perspectivas para o ensino de sociologia no ensino médio. Como havia poucos funcionários na escola e estavam em período de matrículas entreguei uma lista à secretária para que fizesse levantamentos dos dados da instituição e fui embora.

Em outro momento cheguei à escola, o portão estava aberto o que não era comum na época em que fui aluno da escola. No entanto, como eu já sou conhecido na comunidade e já fui aluno da escola entrei e fui até a secretária sem dificuldades ou restrições. As aulas já haviam começado e, portanto, quase todos os funcionários estavam em horário de trabalho. Na secretária estavam um secretário e a coordenadora pedagógica que por sua vez, também fez diversas perguntas sobre a pesquisa. Mais uma vez, expliquei que se tratava de um trabalho acadêmico proposto pela professora da disciplina com a finalidade de nos aproximar do ambiente escolar, a fim de compreender e buscar novas perspectivas para o ensino de sociologia no ensino médio. A partir de então ela conduziu basicamente toda a conversa. Perguntando-a sobre a socialização dos alunos ela respondeu que todos os alunos interagem entre si e que não havia qualquer tipo de segregação, pois segundo a própria coordenadora a escola trata todos de maneira igualitária. Perguntando sobre se entre eles não havia algum tipo de segregação no sentido econômico, racial religioso ou até mesmo de gênero, ela respondeu que não e mais uma vez reforçou que a escola trata todos de maneira igualitária e por isso todos se sentem iguais dentro da instituição, mas sempre tentando passar uma boa imagem da escola.

A coordenadora por conta própria naquele momento ainda fez um análise do cenário, no meu ponto de vista tentando me conduzir a ver o ambiente a partir de sua perspectiva dizendo o seguinte, “O ambiente escolar muda conforme o horário” no sentido que em um turno é mais tranquilo e em outro mais agitado. Ela disse ainda que pela manhã a maioria dos alunos mora na cidade e que a tarde a grande maioria mora no campo. Não indaguei por qual motivo isso acontecia, optei por não interromper para deixa-la mais a vontade, pois estava percebendo que ela estava ficando mais espontânea. Em uma próxima conversa tentarei entender esta colocação. Em seguida ela mesma voltou atrás no sentido das formações de grupos de alunos no intervalo, Dizendo que alguns grupos eram fáceis de se perceber, por exemplo segundo ela, havia o grupo dos que usavam algum tipo de droga ilícita, das garotas que fazem programas, “dos que não querem nada coma vida”.

A questão dos jovens rurais (o estigma e a violência simbólica no espaço escolar)

O estigma

Ao chegar nas escolas urbanas, alguns alunos percebe que não são igual aos alunos que moram na cidade, e desta forma são assolados por uma profunda vergonha que dificulta a relação com os demais alunos. Ao chegarem à escola na cidade alguns alunos percebem essa diferença presente no comportamento, forma de vestir, até a forma como havia estudado na escola anterior que por sua vez era diferente. Este estigma (GOFFMAN, 1998) de “matuto” na maioria das vezes não permite que o aluno da zona rural seja visto como igual o que realmente nunca é, pois, pois existem conflitos de valores, ideias, visões de mundo que os inquietam e marcaram o processo através do qual sua identidade foi se processando. Perguntada à coordenadora se entre os alunos havia algum tipo de segregação no sentido econômico, racial religioso ou até mesmo de gênero, ela respondeu; “Não. a escola trata todos de maneira igualitária e por isso todos se sentem iguais dentro da instituição”.

Segundo Emily, ex-aluna da escola pesquisada, os alunos não recebem o mesmo tratamento. Perguntada a ela consegue perceber algum tratamento diferenciado na escola, em entrevista por uma rede social a ex-aluna respondeu:

“Sim sim... principalmente se os da cidade babam eles.” Você consegue me dizer alguma situação como acontecia se era na sala ou fora essas coisas? “Partia mais da parte da direção.” Se eu lembrar te digo.” E por partes dos alunos acontecia alguma coisa. Tipo brincadeiras ou algo mais sério? Alguma forma de preconceito? “Sempre né! Tipo: Aahh só podia ser do Sítio. Não comigo pq sou hardcore kk. Mas sempre quando dizem algo isso vem junto com: passa fome, mal vestido, burro, matuto etc.” (Emily, 17 anos ex-aluna do 3º ano do ensino regular e mora na zona rural)

Segundo (Paulo, 2011), esses traços que um indivíduo carrega consigo a exemplo da pele e cabelos queimados pelo sol, no comportamento, forma de vestir, denunciam uma prática diferente dos que vivem na rua. De fato esse indivíduo não se encontra sozinho naquele espaço há vários outros assim como naquele universo, no entanto, eles são dos vários oriundos da zona rural, segundo os números oficiais da escola, conseguem prosseguir os estudos, situação que mostrarei ao longo deste trabalho. Obviamente por conta da interação de campos diferentes a escola torna-se um espaço propício à construção de estigmas, e, portanto, Potencialmente proporcionadora do sentimento de vergonha, que por sua vez segundo é um dos sentimentos que, sendo considerado como construção histórica e social, vem sendo estudado pela sociologia contemporânea como via de acesso à compreensão das relações sociais ente grupos. Existe um discurso de negação do ser camponês que é difundido pela escola no qual se diz “a caneta é mais leve que a enxada”, no sentido de que o trabalho agrícola é algo ruim, marginalizado e que não deve ser reproduzido, pois é sinônimo de ignorância, o que por sua vez é uma mentira é detentor de um outro saber específico do seu campo cultural.

A partir do estudo realizado por (Paulo, 2011), que diz que;

Apesar de vir à tona no momento da interação, esse sentimento de vergonha, evidentemente não é apenas fruto desse momento, mas construído sócio historicamente, uma vez que, a própria ideia de civilização é construída como oposição ao atraso que ideologicamente caracteriza o rural no Brasil e, mais especificamente, o trabalho agrícola, principalmente quando nos referimos ao camponês que, em grande parte, utiliza pouca ou nenhuma tecnologia moderna para o trabalho agrícola. Apresentar-se como trabalhador rural é, portanto, assumir a identidade de “atrasado”, “ignorante”, “matuto” e “sujo” e sem as “boas maneiras” “civilizadas” que a sociedade moderna ensina, quando se está diante do jovem da cidade que está sempre “limpo”, com a pele “limpa”, como informou a moça na terceira situação que analiso aqui. A ideia de rural como lugar do atraso, em oposição ao urbano como o lugar do desenvolvimento, do conhecimento, do que é tido como “moderno”, tem suas raízes no próprio processo de modernização do Brasil. (Paulo, 2011)

De fato isso age de maneira tão efetiva que a grande maioria dos jovens oriundos da zona rural, não divulga em suas páginas nas redes sociais o verdadeiro local onde moram e na maioria das vezes se apresentam como moradores da cidade. Geralmente colocam o nome da cidade nessas páginas, mais isso também ocorre com as moças e rapazes da cidade no sentido de que sempre se apresentam nas redes sociais como moradores da maior cidade da região quando não se apresentam como da capital para pessoas de outros estados. Toda essa análise que estou fazendo, serve para comparar as relações de poder dentro das interações sociais no sentido de compreendermos que ela ocorre em todas as esferas e que estou enfatizando a interação campo-cidade para compreender a relação entre essas interações e o rendimento escolar de ambos.

No interior a vergonha é tida como algo positivo, no sentido de que se deve ter vergonha de fazer o que é “errado”. “Um homem de vergonha” simboliza um homem de valores, um homem de palavra. A criação camponesa é bastante rígida e os filhos de agricultores

geralmente passam o dia com seus pais. Esses valores por sua vez fazem parte da construção da identidade dos rapazes e das moças da zona rural, e são levados junto com todos os seus valores construídos naquele espaço para o espaço escolar. Consegui perceber isto após o relato de funcionários da escola de que os alunos do sítio são mais “quietos” que os da cidade. E de fato percebi que nas aulas eles participam e se colocam menos, não por não saberem o que falar, mas por legitimarem uma estrutura que vêm de casa, na qual se tem um conjunto de regras que dentre elas encontra-se uma que diz que “quando os mais velhos estão falando os mais novos escutam”. Eu me lembro de quando criança morava no sítio, e quando “os mais velhos” conversavam tínhamos que esperar eles terminarem para pedir ou falar algo, me lembro de que essa regra era muito forte no sentido de que desrespeita-la sujeitava-nos a consequências como “carões” ou até uma “pisa”. Deste modo os alunos do campo tendem a ser passivos do que vozes ativas em sala de aula.

A Violência simbólica

Após a análise das entrevistas, dos dados fornecidos pela escola, e as observações do cotidiano no espaço escolar, ficou nítido que as diferenças no contexto escolar existem, no entanto a atenção que é dada a elas, é de certa forma colocada em um segundo plano. De modo que, muitas vezes elas passam despercebidas por não se mostrarem explicitamente.

Segundo Durkheim que é o autor que defende a coerção como mecanismo da educação, exige-se na prática que o professor tenha autoridade (1972):

A educação deve ser um trabalho de autoridade. Para aprender a conter o egoísmo natural, subordiná-lo a fins mais altos, submeter os desejos ao império da vontade, conformá-los em justos limites, será preciso que o educando exerça sobre si mesmo um grande trabalho de contenção. Ora, não nos constrangemos e não nos submetemos senão por uma destas razões: ou por força da necessidade física, ou porque o devemos moralmente. Isso significa que a autoridade moral é a qualidade essencial do educador (DURKHEIM, 1972, p. 53-54).

No entanto os professores que têm dificuldades de dialogar com os alunos, humilhando-os e ignorando completamente as diferenças, não querendo nem sequer escutá-los exercem sobre eles uma violência simbólica que pode ser determinante no futuro acadêmico destes. Uma das grandes queixas dos alunos é a falta de disciplina de alguns alunos, assim como falta de didática dos professores para legitimar sua presença enquanto mediador do conhecimento objetivo. Outro ponto a ser destacado é mudança de professores

(...) a maior parte da galera só atrapalha. Isso é lamentável. como era a turma com o antigo professor.” como ela era? Desinteressada, empolgada e com o novo houve mudanças? ou continua a mesma coisa ? Você pode me descrever isso? “O antigo professor quando via a turma desinteressada começava a mandar se calar, a ameaçar colocar conteúdos que não foram explicados nas provas, acho que pedia também para os alunos se retirarem... Aquela velha ladainha que você conhece. Com o novo a maioria dos alunos continuaram da mesma forma, só que esse era um pouco mais calmo, aí já viu... Os alunos "pintavam e bordavam". O antigo professor quando via a turma desinteressada começava* a mandar se calar, a ameaçar colocar conteúdos que não foram explicados nas provas. (Emily, 17 anos ex-aluna do 3º ano do ensino regular e mora na zona rural)

(...)Tem professores que atrapalha mais do que ajuda kkkk e tbm tem o caso de ser muito "besta" com os baderneiros tem dia mesmo que eu tenho que botar aluno pra fora de sala . Porque se não ninguém assiste aula” Esses bagunceiros, são mais do sítio ou da rua na tua sala? Tipo esse que você coloca pra fora. “Tem da rua também. Porém a maioria é do sítio.” (Juice, 23 anos é aluno do 1º ano do ensino regular e mora na cidade)

A partir desse relato, das observações e da minha própria experiência como aluno e professor, nos faço um convite a repensar a marcação social entre o que os professores pensam ser e a finalidade da educação e os problemas que realmente enfrentam no cotidiano escolar, tomando-se como apoio os estudos de Bourdieu e Passeron (1975), não tratarei aqui sobre esse assunto, mas acredito é algo a ser analisado, estudado e compreendido. Tendo como pressuposto que o professor é um dos agentes que comete principalmente um tipo de violência, de modo que ele é uma autoridade pedagógica e impõe uma ação pedagógica que muitas vezes bate de frente com comportamentos inadequados e manifestações de violências por parte dos alunos. Temos que considerar também que estes, os professores, também sofre uma espécie de violência simbólica, tanto por parte do estado como muitas vezes por parte da própria escola, que por sua vez castra sua imaginação e criatividade pedagógica.

Retomando o debate sobre os alunos oriundos da zona rural, e lembrando que para Bourdieu(2001) a escola funciona como um aparelho ideológico de reprodução da ideologia da classe dominante.

A propensão das famílias, e das crianças para investir na educação, que constitui por si só um dos fatores importantes do êxito escolar depende do grau em que dependem dos sistemas de ensino para a reprodução de seu patrimônio e de sua posição social, bem como das oportunidades de seu sucesso prometidas a tais investimentos em função do volume de capital cultural que possuem (2001, p. 264).

Portanto, podemos afirmar que o capital cultural demarca espaços da atividade humana nos quais se desenrolam lutas pela detenção de um poder simbólico que produz e confirma significados. Esses conflitos consagram valores que se tornam aceitáveis pelo senso comum. A detenção desse capital cultural ajuda o desempenho escolar na medida em que também facilita a aprendizagem dos conteúdos e códigos escolares. Sendo assim, para os filhos pertencentes às classes mesmas favorecidas, a escola se torna um abismo entre os valores e saberes. No caso dos filhos de agricultores, saberes e valores do seu campo, que são desprezados, ignorados e desconstruídos na sua inserção cultural. De maneira que são conduzidos, aprender novos padrões e modelos de cultura. Sendo assim, para os alunos filhos das classes dominantes terem sucesso na vida escolar é bem mais fácil do que para aqueles que ainda precisam desaprender uma cultura para aprender um novo jeito de pensar, falar, movimentar-se, enfim, enxergar o mundo, inserir neste processo para se tornar um agente ativo nesta sociedade.

O meio rural tem sua própria cultura, e a escola precisa ter outros meios de atender as demandas, pois esses casos onde se acentuam as diferenças culturais podem contribuir para o aumento da evasão escolar e o desenvolvimento da aprendizagem. Os modos de preconceitos contra a linguagem, modo de ser, de vestir e camada social que surgem no ambiente onde se produz o conhecimento e se forma cidadãos que é a escola torna difícil o aprendizado e favorece a evasão. Dessa maneira, é possível afirmar que a o discurso de igualdade difundido pela escola é inexistente nesse ambiente, pois não existe o reconhecimento dos valores culturais subjetivos dos alunos.

Segundo (Paulo, 2011), Para compreendermos o jovem rural, devemos deixar de perceber esse jovem apenas como parte de uma família camponesa, e passar a vê-lo como algo conjugado a ela, de maneira que a família também se constitui como uma coletividade de interesses. E desta forma, começar a vê-lo portanto como um agente que participa das modificações do seu próprio universo:

Para pensar o jovem rural, a perspectiva de Giddens é bastante útil, pois adota-la, significa deixar de perceber esse jovem apenas como parte de uma família camponesa, mas ainda assim, conjugado a ela, pelo fato da mesma se constituir como uma coletividade de

interesses, afetos e conflitos. Significa também percebê-lo como agente dinâmico que vivencia mundos diferentes, atribuindo a estes sentidos específicos e a partir de suas ações reflexivas, interfere na transformação dessa própria família e de todo o universo rural do qual participa. Nesse sentido, se pode pensar identidade dos jovens rurais como um processo com base na ideia de continuidade e descontinuidade entre modelo tradicional e o moderno. (Paulo, 2011)

Portanto concordo com Paulo (2011), quando afirma que o espaço urbano não é um espaço totalmente estranho nem desconhecido. Segundo ela, Eles vivenciam suas relações no espaço urbano de formas distintas, que variam entre uma maior ou menor proximidade, circulação e trocas culturais.

Nas observações das aulas percebi que os alunos advindos da zona rural se colocavam menos na relação professor aluno durante a aula, e demonstravam em suas expressões e ações. Era nítido perceber certa incompreensão com alguns exemplos enquanto os demais conseguiam intercambiar alguns conceitos entre o real e o abstrato de maneira mais fácil. O professor por sua vez, mantinha uma interação maior inconscientemente com os últimos de maneira automatizada.

Durante os intervalos, essa mesma sala se agrupava de varias maneiras, no entanto, observei que quatro meninas em especial se agrupavam de maneira mais conservada. Não se misturando aos colegas da cidade. Contradizendo assim, o que a maioria dos agentes daquele espaço relatava no sentido de que não havia segregações entre os alunos no espaço escolar. Porém a forma como eles se organizam no espaço mostra outra realidade.

(...) sobre os alunos do sítio você interage com eles? Como eles se comportam na sala e no intervalo? “Muito pouco . Converso com quase ninguém . Cidade e sítio a diferença é só o atraso mesmo. Tem uns ônibus que chegam atrasados Mas aparentemente é tudo igual.” (Juice, 23 anos é aluno do 1º ano do ensino regular e mora na cidade)

A cultura é vista pelos próprios alunos como uma espécie de representação material, e nesse exercício de violência simbólica muitos acham que não tem cultura, mas suas definições são “retratos” de filhos de agricultores, manifestados no modo de ser, pensar e falar, é característico e único de cada um e relaciona-se com a formação do habitus. Eles nem sabem que essas manifestações são culturais, mas a própria definição que eles fazem distinguindo-se dos colegas que residem na cidade já nos dá indícios de uma definição própria de cultura rural. Portanto devemos nos voltar à atenção que é dada a cultura popular na escola. A linguagem é inferiorizada da mesma maneira que esses grupos sociais são estigmatizados. É de grande importância lembrar que linguagem culta legítima é a de domínio das classes dominantes. A escola segue a linguagem padrão e essas diferenças linguísticas são simplesmente niveladas. Isso pode estar na origem de um dos maiores problemas enfrentados na escola, pois quem não se adapta ao domínio das regras de uso do padrão apresenta maiores dificuldades em compreender os conteúdos e em interpretar essa realidade e tipo de capital que o professor exige, pois o professor possui sua própria maneira de interpretar aquilo que se entende de maneira geral como realidade.

Grande parte dos alunos do meio rural relatam as dificuldades encontradas na adaptação ao ensino da escola urbana, por saírem de outra realidade, os filhos de pequenos agricultores legítima a violência simbólica exercida sobre eles sendo assim estigmatizados diante de um contexto que eles não conheciam porque a sua visão de mundo não é considerada e mediada com os conteúdos. Essa legitimidade dada pelos alunos a violência simbólica exercida no espaço escola, principalmente pela própria escola, fica ainda mais perceptível de maneira que os alunos entrevistados sentem um certo receio de responder algumas perguntas, sendo por muitas vezes bastante taxativos em algumas resposta. Suponho que tenham medo de alguma represália ou perseguição de algum professor.

Contrariando os números

Contudo o problema torna-se ainda mais grave, pois segundo os relatos dos alunos e da direção, percebe-se uma falta de integração da escola com a comunidade muito grande para viabilizar uma adaptação dos alunos à realidade da escola urbana. A direção destaca que os pais não participam do processo de educação dos filhos e nem procura saber sobre o rendimento destes. Lanchando com os professores durante um intervalo, ouvi comentários entre eles de que os encontros pedagógicos para discutir e planejar o ano letivo raramente acontecia.

Ao contrário de algumas escolas, como foi mostrado nos números fornecidos por pela direção, me parece que a tentativa de evitar que a escola demonstre baixos números e aumente a evasão é aprovando esses alunos de qualquer jeito. De maneira que, a vontade de adentrar em um curso superior lhes é brutalmente retirada por estes procedimentos que causa grandes deficiências em suas bagagens teóricas. Segundo os dados oficiais, os índices de reprovação são bem baixos, mas o índice de reprovação no ENEM são muito altos. E extremamente altos se levarmos em consideração o índice de universitários da zona rural.

A média da escola no ENEM/2015 segundo dados do INEP* Redação: 535,94 Linguagens e Códigos: 471,54 Ciências Humanas: 541,07 Matemáticas: 440,70 Ciências da Natureza: 450,97. A taxa de participação foi de 14.8%, e pouco mais de 4% aprovados no processo seletivo sendo dos quais, nenhum é da zona rural. Em 2016 segundo dados oficiais da própria escola, a instituição tinha 656 alunos, sendo 235 alunos pela manhã, 179 a tarde e 92 a noite. Dos quais 445 foram aprovados e 64 foram retidos, 114 desistências, 1 falecido e 32 transferências. Sendo 305 da zona rural e 348 da zona urbana. Desse total 305 são do sexo masculino e 348 do sexo feminino.

Além desses alunos que participaram das entrevistas em forma de um diálogo aberto, em um segundo momento, outro grupo de alunos (24 alunos) respondeu a um questionário com a finalidade de verificar os seus pontos de vista sobre rede estadual de ensino do município. Segundo dados dessa pesquisa (95.9%) pretende fazer algum curso superior. Um dado que chama a atenção nesses números é justamente o sentido contraditório que eles expressam. A escola conta com um número de reprovações, que não chega a (11%) do seu total de alunos, um número considerado baixo se comparado à média nacional que em 2016 segundo dados oficiais do INEP chega a (27%). Apenas (14.8%) desses aprovados se submeteram a prova do ENEM. Sendo pouco mais de 4% aprovados no processo seletivo, dos quais, nenhum é da zona rural. Nas entrevistas os alunos também demonstraram certa vontade de seguir com os estudos seja na vida acadêmica.

Apoiando-me em Bourdieu nesse sentido, afirmo com base em sua teoria que os alunos provenientes das classes pobres têm mais dificuldades em adaptar-se à cultura escolar, enquanto os alunos que pertencem às classes providas de capital terão maior facilidade, pois é uma continuidade das relações que já desenvolvem com a família, enquanto os primeiros necessitam até mesmo de uma “adaptação verbal”. No momento da avaliação do desempenho dos alunos a escola considera somente uma forma de aquisição do saber e exclui os que não se adaptam às normas, principalmente, à linguagem padrão da escola. Na concepção de Bourdieu (1998) ele chama isto de “excluídos do interior”, na ideia de que os alunos são excluídos do espaço escolar. De qualquer forma não podemos nos esquecer de que esta segregação acontece de maneira silenciosa e despercebida. A distinção se dá pela forma de apreensão dos conteúdos, pelo tipo de estudo, pelo estabelecimento de ensino, pelas opções curriculares. Dessa maneira, favorece a uns em detrimento de outros. Nesse sentido, a lógica dessa escola de conservar bons números e tentar nivelar as diferenças de capitais culturais e econômicos por meio da aprovação compulsória, faz com que uma violência simbólica ainda maior seja exercida, na medida em que é retirado de alguns alunos o direito de competir com os demais no mercado de trabalho e no acesso ao ensino superior.

Considerações finais

A realidade educacional de São Sebastião de Lagoa de Roça assim como de toda cidade dentro de uma sociedade capitalista, inconscientemente cumpre sua função como reprodutora de desigualdades sociais e culturais. Como parte do cotidiano escolar, a violência se torna fruto das desigualdades, tanto pela imposição de regras coletivas como pela reprodução dos modelos que os alunos vivenciam no ambiente familiar.

Nesse espaço escolar, a violência simbólica passa na maioria das vezes despercebida, e não podemos esquecer que ela acontece de maneira multilateral, pois o professor também é vítima dessa violência simbólica, quando percebem baixos salários as péssimas condições de trabalho, quando são forçados a adotar uma didática pré-definida e o forço a abdicar da sua criatividade de professor, quando sofrem pela intransigência do Estado na resolução dos problemas educacionais e fazem greves nesse caso o Estado mostra-se como detentor de poderes, exercendo assim sua violência simbólica. A contribuição de Bourdieu e outros sociólogos citados aqui têm grande valia para analisar o caso da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José Borges e a existência de uma violência simbólica que ocorre no cotidiano escolar que silencia a cultura dos alunos. É simbólica porque reconstruem os hábitos, as formas de agir e de pensar do indivíduo, excluindo assim a subjetividade dele.

A partir da análise do material etnográfico, percebe-se de maneira clara que o espaço escolar marginaliza a linguagem popular que por sua vez, é tida como inferior assim como boa parte da cultura do homem do campo. Isso confirma a base teórica na qual se construiu esta pesquisa, de maneira que evidencia que a reprodução da ideologia dominante depende do seu poder de obscurecer a realidade. O discurso democrático e a neutralidade do ensino não possibilita que os alunos percebam esse problema, e desta forma acham que o problema é falta de inteligência, desta forma eles tornam legítima toda essa violência simbólica.

Por fim concluo que é extremamente importante que a escola se atente a este problema, que ela repense a maneira de educar, que não pode ser neutra nem imparcial no sentido de olhar a realidade do aluno rural, que ela possa abrir um caminho mais curto para a subjetividade e para a compreensão das diferentes expressões culturais.

Referências:

GOFFMAN, Erving. **Estigma nota sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do ensino**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico, tradução de Fernando Tomaz**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Os excluídos do interior**. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs). *Escritos da Educação*. Petrópolis, RS: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1972.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. **Juventude Rural: suas construções identitárias**. Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2011.

VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira – *A Aventura Sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.